



Ateliê de História

Palavras - chave:

História Local,
Representação, Memória,
Identidade.

Resumo: O presente estudo busca conhecer as percepções, visões e interpretações que os moradores e ex-moradores da Vila São Pedro, bem como os moradores em geral da cidade de Sengés, tem desse espaço. A Vila São Pedro, localizada no município de Sengés-PR, tem uma população estimada em 4 mil moradores. Essa comunidade teve seus começos no final da década de 60 e início da década de 70. Sua área era uma antiga chácara, doada ao município para que nela fosse construída uma Escola Técnica; porém, como a prefeitura não iniciou a construção, a área começou a ser invadida por migrantes vindos de cidades vizinhas como Riversul-SP, São José da Boa Vista-PR, Bairro Santa Cruz (Itararé-SP), os quais, atraídos pela oportunidade de emprego e condições melhores de vida, desembarcavam em Sengés a fim de ali se instalarem. A pesquisa foi realizada com base metodológica nas técnicas da história oral; essa metodologia permite o estudo da história e das relações entre o passado e o presente em contextos em que os documentos escritos são raros ou inexistentes. É o caso da história da Vila São Pedro e suas diferentes representações e imagens que remetem à memória de seus moradores e ex-moradores. Por fim, também discorreremos sobre as formas de sociabilidade entre os moradores dessa Vila, com o intuito de relativizar as imagens estigmatizantes historicamente construídas sobre os moradores da referida vila.

“VILA SÃO PEDRO” – REPRESENTAÇÕES DE UMA COMUNIDADE NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES DA CIDADE DE SENGÉS-PR (1970-1980)

Carla Roseane de Sales Camargo ¹
Antonio Paulo Benatte ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade investigar e compreender as percepções, visões e interpretações que os moradores e ex-moradores da Vila São Pedro tem desse mesmo lugar.

A Vila São Pedro, localizada no município de Sengés-PR, tem uma população estimada em 4 mil moradores. Os começos de formação da vila se deu no final da década de 60 e início dos anos 70. A sua área era uma antiga chácara, doada ao município para que nela fosse construída uma Escola Agrícola; porém, como a prefeitura não levou adiante a construção dessa escola, a área começou a ser invadida por migrantes vindos de cidades vizinhas como Riversul-SP, São José da Boa Vista-PR, Bairro Santa Cruz (Itararé-SP), que, atraídos pela oportunidade de emprego e condições melhores de vida, desembarcavam em Sengés a fim de ali se instalarem.

Nesse contexto, os principais objetivos dessa pesquisa é perceber como tem sido construída a representação desse espaço; identificar as percepções, visões e interpretações que os moradores e ex-moradores da Vila São Pedro tem desse lugar por eles construído e habitado, bem como analisar os fatores que contribuíram (e ainda contribuem) para determinadas representações desse lugar. E como a vila não está isolada do entorno urbano mais amplo, em alguns momentos teremos que reportar às representações que os habitantes exteriores à vila fazem desse lugar, seu cotidiano e seus habitantes.

Do ponto de vista metodológico, fizemos uso das técnicas da História Oral, mediante as quais foi possível coletar e analisar depoimentos pessoais que constituem as fontes principais desse trabalho. Para Verena Alberti,

A metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo de memórias, isto é, de representações do passado. Estudar essa história é estudar o trabalho de constituição e formalização das memórias, continuamente negociadas. A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade. Como assinala Michael Pollak, a memória resiste à alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isso é de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada através de entrevistas de história oral. (ALBERTI, 2004, p. 27)

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Itararé (2002), em Licenciatura em Letras pelas Faculdades Integradas de Itararé- FAFIT (2006) e Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: carlaroseane@hotmail.com

² Orientador. Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, Professor do Depto. de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Dessa forma, em conversas informais com um engenheiro civil do referido município, complementadas e confrontadas com conversas e entrevistas com alguns moradores e ex-moradores dessa Vila, levantamos muitos dados e informações importantes para a escrita da história do local.

Dada a carência e mesmo inexistência de documentos oficiais, partidos dos poderes municipais, sobre a Vila São Pedro, as memórias desses informantes serão exploradas ao máximo, visto que eles preservam, em suas lembranças, o sentido de um passado, de uma história, de uma experiência coletiva vivenciada em comum. A coleta dessas memórias foi enriquecida pelas visitas feitas aos moradores da Vila, ou seja, certa participação, ainda que momentânea, nos espaços públicos e privados construídos pelos habitantes locais.

Com relação aos entrevistados, temos os seguintes nomes:

Entrevistado 1: João de Melo, 66 anos. Conhece a Vila São Pedro desde a década de 70, quando passava pela mesma de trem, visto que era ferroviário e a linha do trem passava próxima a Vila. Morador da Vila desde 1994.

Entrevistado 2: Divercino Mariano, 65 anos. Aposentado. Mora na Vila há 23 anos.

Entrevistado 3: Elias Vieira Guimarães, 39 anos. Morador da Vila há 18 anos.

Entrevistado 4: Rosimilda Alves, 30 anos. Ex-moradora. Morou 15 anos na Vila.

Entrevistado 5: Maria Pereira dos Santos, 66 anos. Aposentada. Morou 5 anos na Vila.

Entrevistado 6: Antonio Roberto Pinto Ferraz, 55 anos. Engenheiro Civil. Trabalha no município de Sengés há 29 anos.

Entrevistado 7: Antonia Fernandes dos Santos, 31 anos. Auxiliar de Serviços Gerais. Mora na Vila desde os 12 anos.

Entrevistado 8: Placídia dos Santos, 60 anos. Do lar. Mora na Vila há 30 anos.

A partir dessas entrevistas serão aplicados os princípios metodológicos da história oral, na articulação com as questões da memória e da identidade. O tratamento das fontes orais, segundo Halbwachs (2006, p. 70) necessita de um cuidado muito grande, pois

a lembrança reaparece em função de muitas séries de pensamentos coletivos emaranhados e porque não podemos atribuí-la exclusivamente a nenhuma, imaginamos que é independente delas e contrapomos sua unidade a sua multiplicidade. É como acreditar que um objeto pesado, suspenso no ar por uma porção de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vazio, e ali se sustenta.

Este estudo, do ponto de vista teórico, apresenta articulações com os pressupostos de Roger Chartier, vez que este historiador, na obra *A História Cultural: entre Práticas e Representações*, aborda o conceito de representação de uma perspectiva historiográfica. Entendemos que a noção de representação, enquanto construção social é importante para compreender os processos de construção da memória e da identidade. Importante também são as obras de autores que trabalham ou trabalharam a relação entre memória e história, como Michael Pollak e Maurice Halbwachs (1990), com destaque para o primeiro (Pollak, 1992, p.2), visto que Pollak entende que “*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa.” Mas essa compreensão da memória é insuficiente. Citando o clássico de Halbwachs, Pollak afirma que este autor já havia, nos anos de 1920 e 1930, sublinhado que “a memória deve ser entendida também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a frustrações, transformações, mudanças constantes”.

No contexto local, aqui analisado, o conceito de memória está relacionado ao conjunto de ideias e sentimentos que envolvem as lembranças acerca da formação e desenvolvimento dessa Vila, bem como das formas de sociabilidades entre os moradores da mesma no período compreendido por nosso estudo (1970-1980).

Utilizamos, por fim, a obra de Stuart Hall, *Identidade cultural na pós-modernidade*, na qual o autor aborda o conceito de identidade cultural, fundamental para perceber os processos locais de identificação; bem como os estudos realizados por Norbert Elias em *Os estabelecidos e os outsiders*, importante para percebermos estigmas e conflitos no processo de constituição dessas mesmas identidades.

O trabalho está organizado em três partes. Na primeira, discorreremos sobre a formação e desenvolvimento da Vila São Pedro, como ocorreram as invasões, o processo migratório, como eram as primeiras habitações e os principais motivos que contribuíram para a invasão dessa área. Na segunda parte, abordaremos o imaginário local sobre a vila, ou melhor, os preconceitos e estigmas construídos sobre seus moradores; também analisaremos a visão interna da Vila sobre si mesmo, quer dizer, como os seus habitantes se autorrepresentam, e para isso será fundamental trabalhar a relação entre memória e identidade. Finalmente, na última parte, discorreremos sobre as formas de sociabilidade na Vila São Pedro, na cidade de Sengés-Pr, tomando como foco de análise as relações entre seus moradores.

Formação e desenvolvimento da vila São Pedro

As migrações internas, marcantes de nossa história, são bastante estudadas. Segundo o historiador Sérgio Nadalin (2001:9), milhares de homens que foram os sujeitos de nossa história migraram à procura de uma vida melhor motivados pela posse, reivindicação ou aquisição de terras – deslocamentos esses que, em última análise, construíram as nossas fronteiras e fizeram crescer nossas cidades, por vezes sem qualquer infraestrutura.

Ainda para Nadalin (p. 10), a ação de migrar está articulada à cata de riqueza fácil, ou rápida; do triunfo, da busca de aventura; e, ou, à procura de uma “dificuldade a vencer”, ou seja, a procura da “riqueza” obtida pelo trabalho. É através da procura dessa última promessa, ilusória, que muitos migrantes desembarcaram em Sengés-Pr no final da década de 1960.

Algumas palavras sobre o município. Sengés localiza-se no interior do Paraná. Em 1934, foi elevada à condição de município. Segundo os dados do IBGE de 2009, possui aproximadamente 20.445 habitantes. Na época que aqui nos interessa, Sengés é conhecida pela produção agrícola diversificada (feijão, milho, mandioca, etc.) e pelo desenvolvimento de indústrias madeireiras. Aliás, o desenvolvimento de indústrias madeireiras iniciou-se a partir da criação de uma área industrial na década de 60, a qual se tornou a principal responsável pela corrente migratória em direção ao município durante a época.

Atraídos pela oportunidade de emprego e condições melhores de vida, esses migrantes, vindos de cidades vizinhas como Riversul (SP), São José da Boa Vista (PR), Bairro Santa Cruz (Itararé, SP), desembarcaram em Sengés, instalando-se precariamente na periferia, na atual Vila São Pedro. Além da atração pelos empregos nas indústrias madeireiras, esses migrantes instalavam-se na Vila São Pedro pelo fato de que a rua principal de acesso a esta Vila – a atual Rua Tiradentes – funcionava como um “ponto de bóias-frias”, um mercado de compra e venda de força de trabalho. Ali diariamente estacionavam de dez a doze caminhões – os “gatos” –, que arrematavam trabalhadores para as lavouras de todo o município. Em relação a este “ponto de bóias-frias”, um morador relata:

Antigamente aqui era bom de serviço, era só sair na estrada que os homens brigavam por funcionários. A estrada era o ponto de boia-fria; você saía cedo, tinha 10 a 12 caminhões esperando homens para levar

para as lavouras, para arrancar feijão, batatinha. A semana inteira tinha trabalho. (ENTREVISTADO 2)

Podemos perceber, a partir deste relato, que a relativa facilidade em encontrar trabalho atraía muitas pessoas, principalmente migrantes de cidades vizinhas, em geral homens e mulheres que vinham em busca de trabalho em geral bastante precário.

A formação do espaço hoje conhecido por Vila São Pedro teve seus começos no final da década de 60 e início da década de 70. Sua área, como dissemos, era uma chácara de aproximadamente trinta e seis alqueires, doada ao município para a construção de uma Escola Agrícola; porém, a prefeitura sequer iniciou a construção dessa escola, assim como não se preocupou em criar áreas de loteamento adequadas e com infra-estrutura para abrigar esses imigrantes, que na sua grande maioria eram gente de baixa renda e não tinham condições de adquirir terrenos bem localizados. E assim os migrantes começaram a invadir a área, contruindo as primeiras e improvisadas moradias.

No início, essas moradias eram construídas pelos próprios moradores, onde queriam e da forma que podiam. Sem condições financeiras, a maioria dessas casas eram de pau a pique (paredes feitas de ripas entrecruzadas) e cobertas com “sapé” (nome de várias plantas gramíneas, usadas para a cobertura de casas rústicas) ou com lona.

Os começos da Vila São Pedro tornou-se, na memória da população local, uma espécie de lenda, cujo maior ou menor teor de verdade não diminui em nada a riqueza do relato. Ao contrário, é com base nesses relatos locais que ela ganha a força de verdade, enquanto memória coletiva.

No começo era só catingueiro, as casas eram todas de sapé, mais tinha muitas que eram de lona. (ENTREVISTADO 1)

Ou:

Aqui era tudo mato, os moradores faziam suas casinhas de sapé e costaneira. (ENTREVISTADO 2)

Devido a forma como essas moradias eram construídas, até o início da década de 1990 a Vila São Pedro era chamada de Vila Sapé. Segundo o relato de alguns moradores entrevistados, a Vila recebeu o nome de Vila São Pedro pelo fato de o padroeiro da primeira igreja construída na Vila, também ela coberta de sapé, era São Pedro.

Sabe-se que a Vila foi formada sem a menor infra-estrutura urbana; no princípio, eram poucas

ruas de “chão batido”; as casas, segundo nos relatou o engenheiro entrevistado, o Senhor Antonio Roberto Pinto Ferraz, não possuíam sanitários e não contavam com água encanada; a água era buscada em baldes numa das três minas existentes na Vila. Uma dessas fontes era conhecida como a Mina da Candinha, por situar-se no terreno de uma moradora chamada por esse nome. O acesso à água parece ter sido objeto de certo litígio: conforme nos foi relatado, Candinha “cedia água somente para quem ela queria”.

Com as chuvas, a água era também um problema. O córrego que corta a Vila São Pedro transborda em períodos chuvosos, deixando inúmeras pessoas desabrigadas, pois muitas moradias se concentraram às margens do mesmo. A partir da década de 80, aproximadamente em 85-86, a Cohapar (Companhia de Habitação do Paraná) construiu nessa vila vinte e oito casas populares, visando melhorar as condições de moradia no local. É claro que essas casas não foram suficientes para dar melhores condições de habitação a todas as pessoas que moravam e continuam morando em áreas de riscos.

Ainda na década de 80, a prefeitura iniciou a construção de uma creche, escola e posto de saúde nessa vila, como forma de melhorar as condições desses moradores. Atualmente, a Vila São Pedro continua sem esgoto, conta com apenas 5% de pavimentação nas ruas e o córrego continua sem canalização; no entanto, é a Vila que mais cresceu e continua crescendo no município de Sengés.

Representações internas e externas dos moradores da vila São Pedro

Imaginário local

A escolha da Vila São Pedro como locus de pesquisa e estudo se deu pela importância e visibilidade que a Vila tem para a cidade de Sengés, visto que sua densidade populacional é comparativamente grande (aproximadamente cinco mil moradores) em relação à população total do município.

Por suas características bem marcadas; por ser um dos bairros mais populosos e devido a sua configuração espacial – ruas estreitas e casas agrupadas em um espaço pequeno, contruídas de pau a pique e cobertas de sapé ou lona –, a Vila São Pedro atraiu desde o início o olhar constante dos cidadãos sengeanos, que passaram a elaborar um imaginário ou um conjunto de representações sobre os moradores da

vila, seu modo de vida e seu cotidiano.

Na década de 60, a maioria da população sengeana estava concentrada no centro da cidade e nos bairros Morungava e Cohab, ambos próximos ao centro. Assim, quando os migrantes vindos de cidades vizinhas começaram a se instalar nesse espaço (Vila São Pedro), os moradores mais antigos, que antes se conheciam a todos, passaram a criar vários estigmas em relação aos novos moradores: “vileiros”, “marginais”, “violentos”, “bandidos”, “grileiros” entre outros. Na relação com os “de fora” – a alteridade – os “nativos” constroem uma representação estigmatizada do “outro”. Aqui cabem algumas considerações sobre a noção de representação.

Para Roger Chartier (1990, p. 20), representação é “um instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente, através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é”. Chartier também atribui alguns aspectos a esse conceito: para ele a representação não é neutra ou objetiva, mas nasce e funciona baseada em interesses e conflitos, participando assim de “lutas de representações”.

O conceito de representação é visto por Chartier como a base fundamental de uma abordagem da história cultural que possibilita a análise da forma como os indivíduos e grupos se percebem e percebem aos demais. Vale destacar que para Chartier (1990) a noção de representação é vista como algo coletivo, social e cultural, e não individual ou psicológico. As representações são esquemas perceptivos, configurações engendradas no âmbito da vida coletiva. Dessa forma, o autor concebe as representações enquanto “construções do mundo”, formas de apreensão do real socialmente vivido, construção simbólica do mundo, apreensão semântica da realidade.

Acreditamos que as representações negativas sobre os moradores da Vila São Pedro, os estigmas a eles associados foram imputados em parte devido à configuração espacial da própria Vila, que, vista de fora (pelos moradores do centro e de outros bairros) exibiam apenas sua aparente feição caótica de casebres simples e improvisados, construídos que foram, em seu início, de pau a pique ou madeirite, costaneiras, e cobertas de sapé ou lona. Em parte, essas imagens decorrem do fato de que os moradores mais antigos, os que moravam havia mais tempo na cidade e que antes se conheciam a todos, passaram a ver os migrantes que se instalavam na Vila São Pedro como “forasteiros”, marginais, grileiros, entre outras imagens desqualificadas e “desclassificadas”.

A sociologia pode nos ajudar aqui. Um fenômeno análogo a este foi observado por Elias e Scotson (2000) quando, ao estudarem a comunidade de trabalhadores de Winston Parva, na Inglaterra, perceberam que os moradores há mais tempo residentes na comunidade viam os recém-chegados como diferentes, estranhos, e por isso os estigmatizavam como inferiores. Trata-se, é claro, de comunidades muito diferentes entre si. Entre outras coisas, o que difere os estudos realizados na comunidade de Winston Parva com o realizado na Vila São Pedro é que os moradores daquela estigmatizavam os recém-chegados mesmo partilhando condições de vida semelhantes; já os moradores mais antigos de Sengés estigmatizavam os recém-chegados pelo fato de apresentarem diferenciais significativos em termos de ocupação, renda e nível educacional.

Não há dúvida de que o local em que moram, a forma de ocupação da área, a baixa renda e nível educacional dos moradores da Vila São Pedro são “dados” que contribuíram para a construção e permanência desses estigmas. Isso pode ser observado nas palavras do engenheiro civil:

A área era do município e foi “ocupada”. Eu falo ocupada porque houve a permissão dos prefeitos de eles ocuparem aquela área (...). Normalmente, as pessoas que moram nessa Vila são pessoas carentes, de baixa renda. É lógico que existe uma concentração maior de violência, de prostituição, de menores que vivem no abandono. Eles não têm uma proposta de vida para melhorar, a autoestima deles é muito baixa. (ENTREVISTADO 6)

Nesse sentido, observa-se que a imagem negativa, de violência e marginalidade, atribuída aos moradores da Vila São Pedro está associada à baixa renda destes, ou seja, a uma posição inferior de *status* na estrutura socioeconômica de classe.

Se analisarmos em conjunto as falas de ex-moradores da Vila São Pedro, veremos de modo muito semelhante, uma constante afirmação do preconceito e estigmas associado aos seus moradores. Na memória coletiva desses ex-moradores, a consciência desse preconceito aparece nitidamente:

Eu acho que as pessoas têm preconceito da Vila, eles não gostam de lá, porque as pessoas são mais humildes, mais pobres. Têm preconceito: eles acham que tem muito bandido naquela “banda”. Eu conheço bastante gente lá, a gente não acha essas coisas, mais quem não conhece acha. (Entrevistado 4)

As pessoas falam que lá tem muita bagunça, muita briga, comentários que rola drogas e até roubos. (Entrevistado 5)

A partir dos relatos anteriores, percebemos que, apesar do ato de lembrar ser individual, são os grupos sociais que determinam o que deve ser lembrado e como deve ser lembrado. Assim, concretiza-se uma memória social ou coletiva.

É evidente que a incorporação do sapé como símbolo da Vila São Pedro afirma, para além do estigma que carrega (a imagem do miserável, do favelado, do bandido, do marginal), as peculiaridades dos moradores desta em relação aos demais habitantes da cidade de Sengés. Percebe-se, portanto, que os moradores da Vila São Pedro, tiveram, desde os primeiros tempos da “invasão” da área, que lidar com o problema de uma “identidade deteriorada”; representação esta construída não por eles mesmos, mas pelos habitantes estabelecidos anteriormente no município.

Imagem interna

Para Pollak (p. 5), a identidade, no seu sentido mais superficial,

é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

A questão da identidade também é amplamente discutida por Hall (2002). Este apresenta três concepções de identidade: a identidade do sujeito do Iluminismo; a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Na primeira, a pessoa humana é compreendida como indivíduo centrado, dotado de razão, consciência e ação, uma identidade que se eleva no seu nascimento e mantém-se a mesma ao longo de sua existência. Na segunda, a identidade é vista como resultante da interação entre o indivíduo e outras pessoas importantes para ele; assim, o sujeito é “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2002, p. 11). Já na terceira concepção, o sujeito é visto sem uma identidade fixa, permanente, possuindo, no entanto, identidades múltiplas, muitas vezes opostas, as quais são transformadas através das formas pelas quais é representado ou interpretado nos sistemas culturais que o cercam.

Por meio dos relatos que recuperam a memória dos moradores da Vila São Pedro, pode-se compreender como são constituídas as identidades dos ha-

bitantes do lugar.

A afetividade é uma marca nos relatos feitos pelos moradores desse espaço:

Eu moro na Vila São Pedro há 20 anos. Eu gosto de morar aqui. Aqui é tranquilo, a minha vida inteira morei aqui, e também estou criando meus filhos aqui. A Vila é um local bom de se viver. (ENTREVISTADO 7)

Eu moro na Vila há mais de 18 anos e eu não iria morar em outro lugar, porque aqui é um lugar bom, tranquilo. Daqui só saio para a chácara do Jarbas, terreno onde está localizado o cemitério da cidade. (ENTREVISTADO 1)

Além da afetividade, podemos perceber nos relatos que os moradores da Vila fazem questão de ressaltar que a Vila é um lugar *tranquilo, bom para se viver*. É como se a afirmação de pertença e afetividade ao lugar, a ênfase nas características positivas do lugar e de seus habitantes, respondesse às imputações de uma identidade deteriorada que lhes fora atribuída pelos outros, os “estabelecidos”. Como afirma Pollak (p.5):

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

A partir dos relatos dos moradores, percebemos também que estes ressaltam o fato de a população local ter sido formada durante o processo de industrialização do município de Sengés; o fator trabalho, a busca de emprego e de melhoria de vida estão sempre presentes nos depoimentos.

No começo aqui tudo era mato, Vila Sapé; depois começou a vir as indústrias, serrarias e as pessoas começaram a construir casas na Vila. Antigamente, era bom de serviço, era só sair na estrada que os homens brigavam por funcionários. (ENTREVISTADO 2)

Eu gosto de morar na Vila, porque a gente está trabalhando, aqui sempre teve emprego. (ENTREVISTADO 8)

A partir do explicitado acima, e com base na afirmação de Pollak de que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”, pode-

se dizer que a identidade construída pelos moradores da Vila São Pedro é a identidade de um *povo trabalhador*, ou seja, uma identidade em oposição aos estereótipos e estigmas de marginais, desordeiros, vadios e desclassificados. Vejamos:

A força maior dos trabalhadores das indústrias da cidade são moradores da Vila. O povo da Vila é trabalhador. (ENTREVISTADO 3)

Eu gosto da Vila, porque desde que vim morar aqui, sempre trabalhei, nunca fiquei desempregada. Eu me lembro de quando eu trabalhava na Linha do Paraná em 94, eu tinha as minhas colegas, nós íamos juntas para o trabalho. Trabalhávamos no turno da noite, era muito bom. (ENTREVISTADO 8)

Eu tenho boas lembranças da Vila, meu marido trabalhava como boia-fria e as crianças iam juntas. Não faltava trabalho aquela época. (ENTREVISTADO 5)

Tais relatos nos levam a apreender que a autoimagem de si mesmos como um “povo trabalhador” é uma reação contrária à imagem negativa que foi historicamente construída pelos “estabelecidos” sobre a população “outsider” da Vila São Pedro, a qual é associada à imagem da violência e da marginalidade.

Segundo Philippe Joutard (apud CARVALHO & BENATTE, 2011, p.57), em geral, essa violência e conflito não se diz na memória, pois se observa que a memória coletiva dos grupos ou comunidades em geral “idealiza o passado, que se torna o ‘belo passado’, apagando as tensões sociais e as lutas, numa visão unanimista e pacífica”.

Sendo assim, por mais que haja um consenso entre os moradores que a Vila é um lugar tranquilo e bom para viver, eles não omitem por completo que, antigamente, no início da Vila, existiam conflitos internos, e que estes na maioria resultavam em “pequenas brigas” ocasionadas pelo consumo em excesso de álcool nos bares da localidade.

Relatam também que existiam entre os primeiros moradores alguns homens que, por terem “ocupado” primeiro o local, agiam como se fossem “os donos do pedaço”. Assim, se um morador de outro bairro – como, por exemplo, da Cohapar ou da Cohab – entrasse na Vila, era grande a probabilidade de ocorrer brigas.

A esses fatos eles atribuem a imagem negativa da Vila para o restante da população urbana, afirmando que situações como essas só diminuíram quando dois policiais que trabalhavam na época no referido município passaram a fazer visitas frequentes à Vila. E que, quando algum morador era pego “metido” em briga, era levado imediatamen-

te pelos policiais, os quais além de os “surrarem bastante, também os faziam tomar banhos frios, acalmando-lhes”. Ou seja, apesar de seus discursos afirmarem a tranquilidade do lugar, esses mesmos discursos evidenciam cenas de violência cotidiana, tanto por parte dos moradores quanto da força policial destinada a “apaziguar” esse cotidiano conflituoso.

De acordo com os relatos acima, pode-se apreender que memória, identidade e história apresentam-se num processo de interação e construção, em que a memória constitui a identidade, ao mesmo tempo em que reforça, através das lembranças, a unidade e continuidade de si mesmo ou o sentimento de pertença a um grupo.

A vila São Pedro e seus moradores: sociabilidades e pertença ao lugar

No nosso entender, parece haver um sentimento de pertença à Vila São Pedro e aos diferentes espaços e lugares dentro desta. A rua aparece como um espaço público de lazer e de grande sociabilidade. Percebeu-se, através dos relatos e da observação participante, que desde o início da Vila seus moradores utilizam as ruas e as frentes de suas casas como local de encontro social e de estabelecimento de laços de sociabilidade.

Segundo um dos moradores mais antigos da Vila, nos finais de semana as ruas sempre ficam cheias de moradores que conversam na frente de suas casas, alguns sentados em cadeiras semelhantes às de praia, em banquetas de madeira ou ainda em bancos de madeira construídos pelos próprios moradores, nos quais cabem até cinco pessoas. Nesses lugares, a conversa “rola solta”. Um dos entrevistados nos disse que quando se reúnem falam de tudo um pouco, da política, da família, de futebol, das fofocas, entre outros.

Um fato que nos chamou a atenção foi “as fofocas”, pois, ao perguntar que tipo de fofoca eles faziam, um morador disse que “quando um casal brigava a noite, no outro dia todos já sabiam do ocorrido, bem como os motivos da briga”. Isso nos mostra que a Vila apresentava e continua apresentando traços de relacionamento comunitário, em que o todo grupal sobrepõe-se às partes individuais na maioria das vezes.

Os moradores, ao serem questionados por que gostam de morar na Vila São Pedro, nos responderam:

Gosto de morar aqui porque é um lugar bom, tranquilo; os vizinhos são muito bons, aqui você sai na rua e tem com quem conversar. O que eu mais gosto aqui é das amizades. (ENTREVISTADO 1)

Eu gosto de morar aqui pelas amizades que eu tenho desde que vim morar aqui. (ENTREVISTADO 7)

Aqui a gente conhece os vizinhos, se dá super bem com as pessoas. As pessoas têm muita amizade. (ENTREVISTADO 4)

Denota-se, a partir dos relatos acima, que a relação de proximidade com os vizinhos, por vezes em detrimento da vida privada, é grande na Vila São Pedro. Aliás, não somente a proximidade é grande, como o respeito mútuo entre todos da Vila, revelando assim, a existência de solidariedade comunitária entre eles, apesar dos inevitáveis conflitos ocasionais, comuns nas relações de vizinhança. As práticas de solidariedade reveladas foram muitas: a doação de cestas básicas, o mutirão feito pelos moradores da Vila na construção das 28 casas da Cohapar, a prática de alimentar um vizinho mais necessitado, de prestarem socorro e assistência a um vizinho adoentado, entre outras.

Para João de Melo, mais conhecido como “Bata-ta”, 66 anos, aposentado, morador da rua principal da Vila São Pedro:

Aqui na Vila sempre foi assim: quando um se aperta, nós nos reunimos e fazemos uma cesta para mandar para o fulano. Aqui os vizinhos dizem que eu sou o melhor vizinho, que ajuda os outros, porque sempre compro três botijões de gás, quando se apuram, eles correm aqui, e eu empresto para eles, depois eles me pagam.

Disse ainda que:

Eu tinha um vizinho, o “Ferpa”, ele era pobrezinho, o coitado! Aí minha mulher, a Sueli, fazia um prato de comida todo dia para ele e entregava ali na cerca, fazia café e dava café com pão para ele a tarde.

Já Elias, 39 anos, operador de máquinas, morador da rua principal, nos contou que:

Um dia, uma senhora foi catar esterco no pasto e caiu no riozinho. Como vi que ela não levantava mais, fui ver o que aconteceu. Ela tinha quebrado a perna. Então eu e minha mulher ajudamos a carregá-la. Enquanto isso, uma filha dela foi chamar o Tassiano, que era o único que tinha carro aqui na Vila, para levá-la ao hospital.

Além dos relatos acima, que reforçam a solidariedade praticada na Vila, um morador nos contou que as 28 casas da Cohapar na Vila foram construídas

pelo sistema de mutirão. Nesses, os moradores se uniam nos finais de semana para ajudar na construção das casas. Segundo Divercino, “nós mexíamos o cimento com cal, rebocava, lixava, colocava piso. Nós fazíamos de tudo”. Sendo assim, encontramos nas práticas acima citadas, elementos de uma sociabilidade tradicional, permeada pela solidariedade vicinal e pela ajuda mútua.

Para Benatte e Carvalho (2010, p. 49), “a identidade e o sentimento de pertença, de ser alguém e sentir-se ligado a algo que transcende a pessoa, são necessários à vida individual e coletiva, à perduração societal”. Uma comunidade ou um grupo social não sobreviveria com base apenas em conflitos, diferenças e antagonismos. Dessa forma, não só a solidariedade foi destacada pelos moradores. Outras manifestações de sociabilidades também foram apontadas pelos mesmos, associadas a espaços de lazer, tais como festas religiosas, bailes, rodeios, bares, jogos de futebol, etc.

Os bares foram citados como os maiores espaços de lazer na Vila. Na década de 70 havia apenas dois: o Bar da Isaura e o do Bateia. O primeiro era o mais movimentado, pois, segundo consta, “era um bar de mulherada”. Este possuía dois atrativos: mulheres e cachaça. A proprietária, Isaura, também permitia que os frequentadores assíduos “assassem carne” nos fundos do estabelecimento, e com isso “chovia fregueses”. Já o Bar do Bateia era menos frequentado, porque este só vendia cachaça e doces. No entanto, eram nesses espaços que a maioria dos moradores da Vila iam se divertir depois de uma longa jornada de trabalho nas serrarias ou nas lavouras da região.

O “campinho do Braim” foi citado como outro espaço bastante frequentado pelos moradores. Este foi construído pelo próprio Braim, um dos moradores mais antigos da Vila. Neste campinho de várzea, nos finais de semana, aconteciam as famosas “pedradas”, que não raramente terminavam em brigas, pelo fato de moradores de outras Vilas também participarem dos jogos. É com certa nostalgia que Elias, 39 anos, morador da rua principal da Vila, nos diz:

No campinho nós fazíamos timinho, saía torneio, era divertido. O seu Jair vinha com o caminhão cheio de rapaziada para jogar com a gente.

Elias nos contou também que hoje o campinho do Braim não existe mais, pois no seu lugar, depois de muitas desavenças com o “seu Braim”, o então prefeito da cidade conseguiu convencê-lo de que a construção de uma escola naquele espaço tra-

ria melhorias para os moradores, pois a escola mais próxima ficava em um bairro dali.

Nesse mesmo campinho de futebol do Braim aconteciam os “Rodeios do Claudemir”. Este era proprietário de uma chácara próxima à Vila, e em alguns finais de semana ele promovia montarias; somente os moradores da Vila participavam. Segundo o morador João de Melo, “O Claudemir prometia pagar os meninos para montarem; no entanto, os meninos montavam e depois ele não pagava nada”.

As festas com bailes eram frequentes na Vila. A mais conhecida eram os “bailes da Candinha”. Essa mesma moradora é citada várias vezes pelos moradores pelo fato de realizar bailes e de uma das minas de água se localizar em seu terreno. Os bailes da Candinha permanecem vivos na memória coletiva dos moradores da Vila. Estes aconteciam numa cobertura de ramo, chamada pelos moradores de “empalizado de ramo”; a música era tocada numa radiola. Bebidas ela não servia: cada um tinha que levar a sua própria. No entanto, nem todos podiam entrar nesses bailinhos, apenas os que fossem convidados pela dona da festa.

Certa vez, o morador João de Melo foi num desses bailinhos sem ser convidado. Ele nos relatou que:

Chegando lá, a Candinha gritou: “Oh sacizada! Eu não convidei vocês para virem aqui!” Então eu derrubei o empalizado de ramo e puxei com o cavalo até uma altura, derrubando a radiola. Por causa disso, o delegado Altino quis me prender. Tive que fugir da cidade por uns tempos.

É com certa melancolia que os moradores nos contaram que esses bailes acabaram quando Dona Candinha morreu.

Mas as festas não acabam por aí. Sendo a população de maioria católica, uma festa tradicional era a de São Pedro, padroeiro da primeira igreja construída na Vila. Misturando o sagrado e o profano, essas festas começavam na sexta-feira à noite com a quermesse e terminavam somente no domingo, depois da meia-noite. Segundo João de Melo, “Era divertido. O Adir da Gaita fazia os bailes e nós dançávamos a noite a toda. Hoje tudo isso acabou. O padre novo que entrou cortou as festas, diz que o dízimo dá mais que as festas”.

Ao falar em dízimo, observamos que desde o início da nossa conversa, os moradores demonstram sua religiosidade, tanto ao enfatizar que a igreja de São Pedro foi construída logo no início da Vila, quanto quando nos relatam a existência de diversos benzedores no local. Através dos relatos vemos que a procura por benzedores era grande naquela épo-

ca, mais que nos dias de hoje. Eles eram procurados por diversas causas: para curar a bebedeira de uns, a “rendidura” de coluna de outros, curar dor de dente, bem como quebranto das crianças. Os mais procurados eram o seu Antonio Portão; a Dona Agailda, que “costurava num pano”; e o Zé Pedrão, que benzia dor de dente. O morador João de Melo nos diz que:

O Antonio Portão era meu vizinho e era o mais procurado. Ele benzia mais crianças. Ele benzia, só que em troca você tinha que levar uma carteira de cigarros para ele.

Dessa forma, podemos apreender que as práticas de lazer, as relações vicinais e a religiosidade podem ser encaradas como fenômenos comunitários que propiciam interações sociais que, de alguma forma, configuram arranjos coletivos, criando laços sociais. Esses laços comunitários, por sua vez, contribuem para a formação de uma autoimagem positiva que contrabalança e relativiza as identidades deterioradas construídas pelos “estabelecidos”.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre as visões e interpretações que os moradores e ex-moradores da Vila São Pedro, localizada em Sengés-Pr, têm desse espaço.

A partir de conversas informais com um engenheiro civil do referido município, com alguns moradores e ex-moradores dessa Vila, levantamos muitos dados e informações importantes para este trabalho.

Percebemos que, apesar de a Vila São Pedro ser vista por moradores de outras localidades da cidade como uma Vila “violenta e marginalizada”, as formas de sociabilidade praticada entre os seus moradores nos mostram o contrário, pois as relações sociais entre os moradores desse espaço apresentam elementos de uma sociabilidade tradicional, permeada pela solidariedade e ajuda mútua, contradizendo, assim, a visão negativa desse espaço.

Todo o trabalho de pesquisa forneceu elementos que nos ajudaram a perceber alguns fatores que contribuíram na construção negativa da imagem da Vila e de seus habitantes. Dentre esses, podemos destacar que, devido à sua configuração espacial, com ruas estreitas e casas agrupadas em um espaço pequeno, contruídas de sapé e cobertas de lona, a Vila atraiu desde o início o olhar constante dos cida-

dãos estabelecidos, que passaram a elaborar um determinado imaginário sobre a vida e a sociabilidade dos “outsiders”.

Entretanto, mediante os relatos que recuperam a memória dos moradores da Vila São Pedro, vimos que estes constroem/ressaltam a autoimagem de si mesmos como um “povo trabalhador” e solidário, contrária à imagem negativa historicamente construída pelos “estabelecidos”, em geral reforçando estereótipos e preconceitos com base na violência e da marginalidade como características determinantes da gente do lugar.

Por fim, pode-se compreender que os moradores da Vila São Pedro vivenciam um processo contínuo de construção e reconstrução de sua imagem, na relação cultural e social entre seus moradores e entre estes e os demais habitantes de Sengés. Observamos que os fenômenos comunitários propiciam interações pessoais constantes, as quais, de alguma forma, criam laços sociais que, por sua vez, contribuem para a formação de uma autoimagem positiva que contrabalança e relativiza as identidades deterioradas construídas pelos “estabelecidos” sobre os “outsiders”.

Depoimentos orais

João de Melo. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 13, 19 e 21 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Divercino Mariano. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 19 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Elias Vieira Guimarães. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 13 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Rosimilda Alves. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 17 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Maria Pereira dos Santos. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 13 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Antonio Roberto Pinto Ferraz. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 20 de agosto

de 2012. Acervo da pesquisadora.

Antonia Fernandes dos Santos. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 20 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Placídia dos Santos. Entrevista concedida a Carla Roseane de Sales Camargo em 17 de agosto de 2012. Acervo da pesquisadora.

Referências

ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENATTE, A. P.; CARVALHO, A. I. de. **História e Regiões**. Ponta Grossa: NUTEAD, 2011.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Bertrand, 1990.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

NADALIN, S O. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Coleção História do Paraná. Curitiba: SEED, 2001.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992.

SILVA, E. A.; SANTOS, F. L.; DENIPOTI, C. L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em História II** Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.